



Deus salve a sra. Ethel Shroake

Por Pedro Favaro



O que me fez assistir a *The Bed Sitting Room* (Richard Lester, 1969) foi seu elenco. O período de ouro da sátira inglesa tem nomes incríveis e um dos maiores conglomerados desses, em película, está nesse filme. Peter Cook, Dudley Moore, Spike Milligan, Harry Secombe e Marty Feldman estão entre eles. Fui esperando ver um filme no mínimo incrível, mas dei de cara com um filme no mínimo estranho. Ainda bem.

Pode parecer que o filme existe somente na ideia de 20 pessoas tentando ser britânicas em uma Londres pós-apocalíptica. Da primeira vez que o assisti, realmente me pareceu que era somente isso que eu poderia falar sobre o filme sem ficar simplesmente descrevendo cenas e *gags*. Na primeira vez que vi o filme, me decepcionei. Na segunda, descobri coisas que ansiei ter visto na primeira. Não sei se minha demora para fazer esse reconhecimento foi culpa do filme ou minha. Imagino que o filme carregue pelo menos uma parcela da culpa, mas não acho que por isso ele seja ruim ou falho. Talvez ele seja um filme de redescoberta, um filme cujo impacto só vem depois do contato inicial. Existem pessoas e situações que se revelam assim, então por que não filmes?

Sinto que na primeira vez tive um contato com uma primeira camada do filme (camada essa não necessariamente superficial, mas definitivamente mais *tateável* que a segunda). Nela reside, entre outras coisas, o humor satírico, britânico por excelência. Esse humor, vindo da tentativa dessas 20 pessoas de serem britânicas em um mundo destruído, é o que tem de mais visível no filme. A BBC é um homem com um terno que só existe até pouco abaixo do peito - o suficiente para encaixar em molduras de TV para “transmitir” as notícias - e os 20 sobreviventes cantam

“God save Mrs. Ethel Shroake of 393A High Street, Leytonstone”, pois dessas 20, a senhora Ethel Shroake é a mais perto da linhagem da rainha. Quem fornece energia para a “cidade” é um rapaz em uma bicicleta fixa, e uma linha de metrô ainda circula. Em um dos compartimentos dessa linha mora uma família, que deixa sua “casa” no subsolo quando precisam achar uma enfermeira para a filha que está grávida. Todos os personagens do filmes são loucos e fazem sentido de coisas completamente sem sentido. Não fica claro se essa loucura vem da radiação da bomba que dizimou a população ou da tentativa de uma vida normal em um ambiente tão radicalmente diferente. Porém, a radiação existe e age com força.



O personagem que dá título ao filme é um Lord que teme que está se transformando em um bed-sitting room (algo como uma kitnet). De pouco em pouco ele vai

se transformando, até que a mutação é completa. Alguns outros personagens viram armários, papagaios e cachorros. O mundo é aterrorizante, caótico e as pessoas estão ficando loucas. A tentativa de se manterem britânicas de algum modo enaltece ainda mais a loucura. O humor vindo dessa tentativa é tão magnífico que é fácil não ver nada no filme além dele. É uma primeira camada tão satisfatória para os conceitos básicos da sátira britânica que tudo que existe mais ao fundo corre o risco de não ser notado, o que é uma pena, pois é a segunda camada do filme que me motiva a escrever sobre ele.

Essa segunda camada – se é que posso chamá-la assim – me revelou coisas incríveis. Entre elas, a noção de que esse é um filme triste. Apesar de ser uma comédia, o próprio motivo pelo qual ela acontece é exatamente aquele que me causa uma sensação – na maior parte do filme – do quanto é inseparável a tristeza desses personagens. O esforço que fazem para manter suas tradições e estilos de vida ingleses é nítido, e essa nitidez não é sentida somente por quem assiste, mas também pelos próprios

personagens. Eles são extremamente cientes do esforço que fazem para que suas vidas continuem normais. Esse esforço contrastado com a paisagem desolada, roupas maltrapilhas, e a visível desilusão no rosto dos personagens enquanto se enganam - descrentes daquilo que estão constantemente tentando se convencer - é o mais triste que um mundo pós-apocalíptico pode ser. É o palhaço que ri com um sorriso no rosto, mas com tristeza nos olhos.

Acho interessante a ausência dessa tristeza nos espíritos livres do filme, aqueles que estão apaixonados. Penelope, a filha grávida, e Alan, seu namorado (um rapaz burro como uma porta, mas cuja inocência é algo belo) só entristecem perto do fim, quando tudo piora e a vida que tinham com seus pais no metrô já não é mais a mesma. Existe um monólogo¹ de Penelope que é o que permite acesso a essa segunda camada do filme. É um monólogo belíssimo sobre Alan que acontece quando ele, cansado de andar, descansa sua cabeça no colo dela e fecha os olhos. Ela declama a beleza de sua inocência e de como que, com ele, o que se vê é o que existe. Tudo sobre essa pessoa está ali, na superfície, e isso é lindo. Eis alguém que nunca lhe mentirá. “Stupid as the sun?”.



Perto do fim, esse casal começa a ser engolido pela tentativa lunática de vida britânica que os outros lhe impõem. No fim, essa tentativa se torna impossível e todos os personagens se encontram em condições simplesmente humanas, - carregados apenas do “inglesismo” que lhes é natural - pedindo ajuda para uma voz que acreditam ser Deus (mas não é). A tentativa de serem britânicos que antes escondia a necessidade de serem humanos some e milagrosamente tudo melhora. Todos recebem

a notícia de que tudo vai se resolver, grammas começam a crescer, risadas são escutadas e até uma nova família é iniciada. Bastava serem humanos. Até os dois policiais do filme, que, por muito tempo, são os mais protocolares de todos, revelam suas humanidades quando nos é mostrado que eles falham. É uma falha em forma de gag que inclusive acaba com uma piadinha boba. Nada mais humano que falhas, bobagens e amor.

O interesse de *The Bed Sitting Room* não é cair na sociologia ao imaginar como a raça humana se comportaria em um mundo caótico e pós-apocalíptico. O interesse aqui é humano. Não é difícil um filme pós-apocalíptico dar de cara com a sociologia, reimaginando a organização de um mundo cuja organização foi exterminada. Em *The Bed Sitting Room* ela não é reimaginada, mas sim transplantada de um mundo para outro. A existência dessa organização em um mundo que não é o qual ela surgiu coloca o foco nas pessoas que foram de repente tiradas de uma realidade e nas suas tentativas de adaptação - por mais que extremamente absurdas e bizarras - em um mundo completamente transformado.

The Bed Sitting Room não é uma obra-prima, mas é um filme que me colocou pra pensar mais do que imaginava. Descobri coisas que não esperava descobrir e me deparei com questões que sempre procuro em filmes e que não tinha achado na primeira vez que o assisti. Me senti inclusive um pouco mais iluminado quanto aos “porquês” de rever filmes. *The Bed Sitting Room* é um filme que me intriga e, em todo momento em que estou escrevendo esse texto, sinto vontade - e até um pouco de necessidade - de revê-lo. Talvez exista uma terceira camada nele que ainda não percebi e, apesar de ainda não ser, talvez em outro momento esse filme me revele uma obra-prima.



*I will say this for him
I can't really say anything for him
Except he's like a sheet of white paper
I haven't seen a sheet of white paper for years I could draw a face on
In his poor suit!
Crumple-fashion little stitches on the edges
And I'll say this for him, trendy boy.
You can say his lapels are crumpled
and he has got a nose where noses used to be
And i'll say this for him
He's always here
Wherever his feet are, he is
Toes are bent upwards but he's straight, flat.
Stupid as the sun.
I will say this for him
And he has got twirly hair
But you do get the whole of him,
now, to stroke.
There's nobody else ¹*

Por Pedro Fávoro

¹ Isso eu vou dizer sobre ele/ Eu não posso dizer praticamente nada sobre ele/Além de que ele é como uma folha branca/Fazem anos que eu não vejo uma folha branca na qual eu possa desenhar um rosto./Em seu pobre terno!/Pequenas costuras desleixadas nas bordas/E isso eu vou dizer sobre ele, garoto estiloso/Pode-se dizer que suas lapelas são amassadas e que ele tem um nariz onde narizes costumavam ficar/E isso eu vou dizer sobre ele/Ele está sempre aqui/Seja lá onde seus pés estão, ele está./Seus dedões são virados para cima, mas ele é reto, plano./²Idiota como o Sol./Isso eu vou dizer sobre ele/E ele tem cabelo enrolado/mas você o recebe por completo,/agora, para acariciar./Não há mais ninguém.